

Expansão urbana no DF: em 49 anos, o que mudou?

CEB
23/04/10
21/04/10

ALDO PAVIANI

Geógrafo, pesquisador associado da UnB

Brasília é uma grande cidade, uma metrópole. Cumpriu os objetivos dos fundadores, como o de organizar o território à sua volta. A partir da nova capital, os governantes poderiam realizar mudanças estruturais, assegurar a soberania nacional, manter o status quo, distribuir renda, atuar para reduzir as desigualdades socioespaciais, enfim, governar. A governança lembra a “meta síntese” de Juscelino Kubitschek: “É o Brasil de Brasília que, plantada no coração da pátria, tem agora um espírito novo a dirigir-lhe os destinos” (1975).

Os fundadores da capital não a imaginaram como metrópole em termos de estrutura, complexidade funcional e massa populacional. No imaginário da época, Brasília seria cidade de porte intermediário, com 500 mil ou 600 mil habitantes, quando concluída a construção do Plano Piloto do urbanista Lucio Costa.

Em fins de 1956, inicia-se o recrutamento de trabalhadores para os canteiros de obras e funcionários para a administração. O estímulo para os funcionários foi a “dobradinha” — o salário em dobro. Há relatos de pioneiros a respeito do “ritmo de Brasília”, quando os trabalhadores se desdobravam à exaustão em horas extras. Os prazos apertados geraram migração de operários — cerca de 12.700 pessoas, recenseadas pelo IBGE, em 1957. No Censo Experimental de 1959 havia 64.314 habitantes — população urbana e rural; e em 1960, 141.742 habitantes (127.204 urbanos e

14.538 rurais). Antes de inaugurada, a capital teve sua população multiplicada por 10. Essa população não pôde contar com moradia condigna. Os operários foram para alojamentos dos canteiros de obras e barracos em pontos isolados, sobretudo nos arredores da Cidade Livre (Núcleo Bandeirante). Como as favelas aumentassem, em 1958 abriu-se espaço para Taguatinga, a primeira cidade-satélite. Para ela, foram transferidos milhares de operários e favelados, muitos com relutância, pois morariam distante dos locais de trabalho no Plano Piloto.

Côm Taguatinga, iniciou-se o polinucleamento urbano, que não cessa até os dias correntes. Outros núcleos são criados, na década 1960-1970: Gama, Sobradinho, Guará e ampliam-se as localidades pré-existentes: Planaltina e Brazlândia. Com isso, o IBGE registra 516.896 pessoas, em 1970. Destaca-se o rápido incremento do Plano Piloto, 236.577, e de Taguatinga, com 106.320 habitantes. A Cidade Livre, fixada como Núcleo Bandeirante, que já contara com 40.235 habitantes, em 1964, ficou com 11.133 pessoas, após a transferência dos favelados.

No processo há características ligadas à população: o continuado crescimento demográfico por correntes migratórias (hoje atenuadas), incremento vegetativo e a constante transferência de população para locais distantes do Plano Piloto, o centro detentor da maior parte das oportunidades de trabalho, configurando continuada exclusão socioespacial.

O crescimento demográfico, revelado pela Pnad/2007, indica a existência de 1.187.000 pessoas nascidas no DF e 1.257.000 não nativas,

perfazendo 2.444.000 habitantes. O dado significa equilíbrio entre os dois contingentes — o primeiro representado por 48,57% e o segundo, por 51,43%. Em 2008, o IBGE encontrou 2.557.158 habitantes no DF, o que significa que, em dois anos, o aumento foi de 113 mil pessoas. Não estão computados os habitantes da área metropolitana externa ao DF, que alguns denominam Entorno (nove municípios), com 862 mil pessoas. Por sua contiguidade com o DF, essa área tem crescimento de 6,32% ao ano, enquanto o estado de Goiás registra 3,26%. Pode-se inferir que há dois movimentos migratórios: a onda de expulsão de população do DF para a periferia goiana, onde a habitação, terreno e aluguel são mais acessíveis; e mobilidade migratória de outros estados, em ritmo menor, mas ainda importante.

Da análise, conclui-se que a Brasília dos primórdios deixou de existir. Em seu lugar, mais de 3 milhões de habitantes formam uma área metropolitana com destaque nacional. Brasília ocupa um lugar entre as quatro maiores cidades brasileiras. Ao contrário do que foi idealizado pelos fundadores, deixou de ser cidade aprazível para decidir os “elevados destinos do Brasil” para se tornar cidade assemelhada às demais metrópoles. Nela, há 220 mil desempregados, segundo a pesquisa de emprego e desemprego (PED/Dieese), com as sequelas sociais captadas no cotidiano: acidentes, assaltos, sequestros relâmpagos — violências várias. As estatísticas levam a se sugerir a alteração do atual perfil de empregos com a mudança da estrutura ocupacional, na governança e na organização socioespacial da área metropolitana de Brasília (AMB).